

EMBATES MORAIS E PRÁTICAS SEXUAIS: RELAÇÕES DE GÊNERO NOS DISCURSOS DA IGREJA CATÓLICA E DA JUSTIÇA (PARAÍBA, 1930-1950)

PAULA FAUSTINO SAMPAIO*

Discussões sobre moral sexual, valores e modos de comportamento são temas recorrentes no nosso cotidiano. Estes debates são fundamentados em diversos saberes, entre eles, o saber religioso. Nos discursos, da primeira metade do século XX, percebe-se inquietação diante da emergência das mulheres dos diferentes grupos sociais nas ruas, da invenção de novos espaços de sociabilidade e das mudanças nas relações de gênero. No Estado da Paraíba, mais precisamente na micro-região do Cariri, município de Cabaceiras, lugar rural comum a tantos outros do interior do Brasil porém distante dos projetos modernizadores que marcaram o período nos principais centros urbanos do país, tais discursos ganharam novos elementos a partir da ação da Justiça e da Igreja Católica. Frente às práticas sexuais que sinalizavam rompimento do modo de comportamento, a Igreja Católica e a Justiça precisaram reinventar formas de controle e normatização em tempos de mudança. Neste trabalho, apresento os discursos e práticas destas instituições sobre relações de gênero e de sociabilidade para pensar os conflitos acerca da moral sexual em Cabaceiras, PB, entre as décadas de 1930 e 1950. Para tanto, em uma perspectiva histórica sócio-cultural, são estudados os discursos sobre relação de gênero, família e sociabilidade em hinos, catecismos e livros tombos da Igreja Católica, em processos-crimes de mulheres contra parceiros sexuais da Justiça e em relatos orais de memória de antigas moradoras do lugar.

Palavras-chave: relações de gênero; instituições e discursos

Igreja Católica e Estado, por meio da difusão de suas políticas nos jornais, nas revistas e mesmo por intermédio da Justiça, buscaram normatizar as relações entre homens e mulheres e estabelecer papéis sociais para cada um na família e na sociedade. A historiografia com a qual dialogamos, que trata sobre processos de significação, de normatização e de disciplinarização dos gêneros na cidade, afirma que a política sexual do Estado e a pedagogia católica foram difundidas nas cidades com maior concentração populacional, cujos processos de urbanização e de industrialização foram vividos com intensidades diferentes.¹

* Profª Tutora da UAB – Universidade Federal da Paraíba. Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Este trabalho é parte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado (*Mulheres (in)dóceis: discursos e práticas de mulheres na vila de Cabaceiras-PB, 1930-1949*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009, orientada pelo Prof.º Dr. Antonio Torres Montenegro.) e de novas leituras.

¹ Cf. CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 367 p. SEVCENKO, Nicolau. A cidade irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: (Org.). **História da vida privada no Brasil: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 07-48.

As historiadoras Mariana Maluf e Maria Lúcia Mott, que analisaram o discurso de jornais, revistas e crônicas de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, mostram que conservadores e progressistas inquietavam-se diante da emergência das mulheres das camadas altas e médias sem acompanhantes nas ruas de São Paulo e com os novos espaços de sociabilidade feminina. Esta mudança no comportamento das mulheres era apontada como responsável pela corrosão da ordem social.²

Ao pensar sobre o porquê da emergência da figura do nordestino como “cabra macho” no começo do século XX, Durval Muniz de Albuquerque Jr. destaca o discurso da imprensa da cidade de Recife acerca da crise na família. Inspirando-se nos trabalhos de Michel Foucault e Michel de Certeau, este historiador aponta que os representantes da família patriarcal ligada aos engenhos de açúcar apontavam as mudanças no comportamento das mulheres, que começavam a contestar a forma hierarquizada deste modelo familiar, como motivadoras da crise na família.³

Este discurso denunciador do que entendiam ser uma corrosão social promovida pelas mulheres, recorrente na imprensa do começo do século XX, em cidades como São Paulo ou Recife, visava normatizar e instituir o papel e o lugar de cada gênero. Assim, o lugar do feminino seria no mundo privado (a casa) e o lugar do masculino seria no mundo público (a rua).

Ao analisar esse discurso, o historiador Durval Muniz e as historiadoras Margareth Rago, Mariana Maluf e Maria Lúcia Mott narram como os significados foram atribuídos discursivamente aos homens e às mulheres nas relações sociais e culturais, a partir da dicotomia privado-público, abrindo um leque de possibilidades para pensarmos sobre o viver das mulheres para além da busca dos signos de opressão, que entendia a mulher como oprimida, subjugada, vítima.

Ao analisar a construção de imagens femininas na imprensa da Paraíba, na década de 1920, especialmente em João Pessoa, a historiadora Alômia Abrantes da Silva observou que o tema moda estava em primeiro lugar, seguido pelos temas educação e profissionalização das mulheres. Nas discussões – em jornais como *O Educador*, voltado para o professorado, *A União*, órgão divulgador do Partido Republicano, *A Era Nova*, revista literária e noticiosa –, a fronteira entre a casa e a escola permanecia estreita para as mulheres. O que havia na imprensa

² Cf. MALUF; MOTT, 1998.

³ Cf. ALBUQUERQUE JR., 2003.

da década de 1920 eram estratégias conciliatórias entre as exigências de educação feminina e o cumprimento do papel de mãe, esposa e dona de casa.⁴

Para a historiadora Natália Barros, que analisa as matérias das revistas *Mascote* e *Pilhéria* e do jornal *Diário de Pernambuco* dos anos 1920, na cidade de Recife, a imprensa desta década, ao mesmo tempo em que presenciou a vontade de homens e mulheres de refazerem as relações sociais nas cidades, promoveu as redefinições dos lugares de gênero.⁵

Os estudos de Margareth Rago, Mariana Maluf e Maria Lúcia Mott, Alômia Abrantes da Silva, Natália Conceição da Silva Barros e de Durval Muniz Albuquerque Jr analisam os discursos e os papéis atribuídos ao feminino e ao masculino na imprensa. Eles fundamentam-se teórica e metodologicamente nos trabalhos do filósofo e historiador Michel Foucault sobre poder, disciplina, sexualidade, discurso, e utilizam em grande medida a imprensa como fonte, refletindo acerca dos discursos e das representações sobre o gênero feminino no âmbito da política de disciplinarização dos comportamentos levada a efeito pelo Estado na primeira metade do século XX.

No entanto, no Brasil, havia aglomerações urbanas com menos de mil habitantes, como era o caso da vila de Cabaceiras⁶, onde residiam apenas 581 pessoas em 1950, que se diziam católicas.⁷ Nessa época, já havia o prédio da igreja matriz, da igreja Nossa Senhora do Rosário, o Grupo Escolar Alcides Bezerra, o Paço Municipal, a praça General José Pessoa, a Delegacia de Polícia, que constituíam o centro da vila. Essa aglomeração fazia parte da comarca de Cabaceiras, instalada em 03 de dezembro de 1924⁸.

Na igreja matriz, os hinos eram cantados pelo coral formado por moradoras da vila, sob a regência de Clarice e de Inácia. O coral era acompanhado ao piano pelo senhor Arior. Nas casas dos povoados, os hinos eram entoados, geralmente, pela dona da casa onde aconteciam as orações, ou por jovens. Nas orações do mês de maio cantavam-se esses hinos e rezavam-se especialmente a ave-maria e a salve-rainha.

⁴ Cf. SILVA, A., 2000.

⁵ Cf. BARROS, N., 2007.

⁶ O município de Cabaceiras possuía 30.954 habitantes em 1950, distribuídos de forma equilibrada entre mulheres (15.657) e homens (15.297) A sede do município era a vila de Cabaceiras, e mais seis pequenas aglomerações urbanas (Alcantil, Bodocongó, Carnoió, Caturité, Potira e Riacho de Santo Antônio). Cf . INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Estado da Paraíba. Volume XVI, tomo 1. Rio de Janeiro, 1955.

⁷ Cf. IBGE, op. cit.

⁸ Em 14 de janeiro de 1930 foi anexada à comarca de Campina Grande, sendo removida a termo da comarca de São João do Cariri em 25 de julho de 1933. Só em 10 de abril de 1940 voltou a ser comarca de Cabaceiras, com fórum instalado na sede do município.

Durante a infância na década de 1930 e juventude na década de 1940, Severina Barros, Maria Santos, Izabel Costa, Brígida e outras mulheres e homens cantaram ‘Com minha mãe estarei’ e ‘Queremos Deus que é nosso pai’. Estes hinos podem ser encontrados no livro de cânticos *Harpa de Sião*, que fora editado pela paróquia de Juiz de Fora/MG, no ano de 1922.⁹

Os hinos ‘Com minha mãe estarei’ e ‘Queremos Deus que é nosso Pai’ faziam parte do cotidiano religioso de mulheres de Cabaceiras desde antes da utilização do livro pelo Coral, conforme apontam relatos orais de memória de Severina Barros, Maria Santos, Izabel Costa, Brígida. Por outro lado, a utilização do livro *Harpa de Sião*, pelo coral da igreja matriz, pelo padre ou mesmo pelo músico que tocava serafina reforçou a prática de cantá-los nas orações do mês de maio, tanto na igreja matriz quanto nas diversas casas dos povoados da região onde os trabalhadores se reuniam.

No hino ‘Com minha mãe estarei’, muito cantado naquela época e registrado nos relatos orais de memória de mulheres que participavam das orações do mês de maio, afirma-se o encontro da pessoa que ofendeu Jesus com a Virgem Maria. Ao mesmo tempo em que a pessoa admite ter ofendido Jesus, clama por Maria, mãe de Jesus. A estas palavras de submissão soma-se o ato de ficar de joelhos, com a cabeça baixa, esperando o apoio da mãe imaculada Maria, junto a quem espera chorar as ofensas cometidas contra Jesus Cristo.

Assim, a Virgem Maria aparece como a mãe que escuta o clamor do filho. Por sua vez, o filho tem em Maria “fé viva e ardente”, acredita encontrar nela apoio para “com firmeza e valentia evitar o mal”, ficar longe das “falsas carícias, prazer, torpes delícias” e fugir das sensações do mundo terreno.

A Virgem Maria é a “mãe imaculada”. É a “mãe de toda a pureza”, honestidade, à qual o(a) filho(a) reafirma sua fidelidade. É a mãe de “coração terno, colo materno”, no qual o(a) filho(a) espera encontrar alento para sua culpa e descansar. O(a) filho(a) isenta a mãe, pura e terna. Além disso, clama pela intercessão da Virgem Maria, mostra-se crente, fiel e submisso a ela.

Nessa relação de dominação, a Virgem Maria aparece como a “mãe afetuosa” capaz de interceder a favor dos homens aflitos que, mostrando-se logo de início em posição de inferioridade, pedem para ser ouvidos por Deus.

⁹ Apenas um dos volumes que compõem o livro de cânticos *Harpa de Sião* faz parte do arquivo da paróquia Nossa Senhora da Conceição. Secretaria da Paróquia, Cabaceiras, PB, rua Joaquim Gomes Henriques, 77.

Observa-se a construção, por meio da linguagem, de uma representação sobre Maria enquanto modelo de mãe. Na imposição deste modo de relacionamento submisso, Maria é uma das representações utilizadas para doutrinar acerca da humildade, da resignação e da obediência.

Este e outros hinos cantados por Severina Barros, Maria Santos, Izabel da Costa, Brígida, nas décadas de 1930 e 1940, época da sua infância e juventude, e por mais pessoas em Cabaceiras que participavam dessas orações, dizem sobre atitudes de submissão para conseguir ser aceito(a) pela Igreja Católica.

Na paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Cabaceiras, nas décadas de 1920 a 1940, o culto à representação da Virgem Maria acontecia ao longo do ano e, especialmente, durante o mês de maio e na festa da padroeira, em oito de dezembro, por meio de cânticos e orações.

Essa prática das orações e cânticos no mês de maio em Cabaceiras reforçava o dogma da Imaculada Conceição (Virgem Maria, mãe de Jesus), instituído pela Igreja Católica em 1854. Desde a segunda metade do século XIX, o discurso católico enfatizava a preservação da pureza, da virgindade da mulher, da maternidade como princípios norteadores da vida feminina.¹⁰

Nas décadas de 1930 e 1940, os encontros para oração, onde se reuniam trabalhadores rurais e líderes políticos locais, nas casas espalhadas pelos povoados ou na igreja matriz, constituíam-se em um dos principais espaços para a socialização desse discurso da Igreja Católica acerca do feminino. Discurso que reafirmava os valores católicos de submissão, de fidelidade, de crença, de honra e de contrição, junto a uma população de homens e mulheres com pouca ou nenhuma instrução escolar.

Sobre esse momento da infância e da juventude, marcado pela presença do discurso religioso, Severina Silvina de Barros relatou:

Eu recebia a carta, guardava pra eu ler em casa. Recebia as cartas quando ele não ia, dizendo que não ia, porque não sei o quê... [risos]. Não era propriamente escondido não, mas papai e mamãe não sabiam. A gente ia de noite lá nessa casa, era compadre de papai e de mamãe. A gente ia pra cantar nas novenas 'Com minha mãe estarei'... E tinha outros hinos.¹¹

A sala da casa de Maria da Glória tinha três janelas. Aqueles que chegavam antes do início das orações ficavam dentro da sala; os que chegavam durante as orações ficavam próximos às janelas ou à porta, onde fosse possível fazer as orações, entoar os cânticos,

¹⁰ Cf. CORBIN, Alan. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 503-561.

¹¹ Entrevista n. 29. Severina Silvina de Barros nasceu em Cabaceiras, PB, em 29.10.1916. Foi entrevistada em 20.03.2004, quando tinha 87 anos de idade. Residia na Cidade de Cabaceiras até o seu falecimento, ocorrido no segundo semestre de 2004.

conversar em voz baixa, entregar ou receber uma carta. Na juventude de Severina Silvina, na década de 1930, os encontros para o culto à Virgem Maria durante o mês de maio, nessa casa, constituíram-se também em uma possibilidade de conversa, de divertimento e de namoro às escondidas, ou não, de recebimento de cartas do namorado.

Severina Silvina, seu namorado e a pessoa que entregava as cartas usaram os encontros religiosos, controlados pelas famílias e pela religião católica, para seus interesses pessoais. Estas pessoas burlavam sub-repticiamente¹², de modo não declarado, sem provocar estardalhaço, os valores de submissão, de recato, de obediência, aproveitando a ocasião para tirar um proveito passageiro. Embora não tenham rompido diretamente com os preceitos do catolicismo que norteavam suas vidas, estas pessoas, mais propriamente Severina, usaram o momento de encontro da vizinhança, de religiosidade, marcado pelo discurso da Igreja Católica que se queria monopolizador da vida daquelas pessoas, para tirar um proveito momentâneo.

Esta arte de usar um momento de socialização católico em favor próprio distanciava-se do que estava estabelecido para o comportamento de homens e de mulheres pelo discurso religioso do hino ‘Com minha mãe estarei’. Esta conduta feminina nos momentos de oração do mês de maio pode significar que, embora o discurso dos hinos católicos acerca do papel da mulher na recristianização fosse veemente nas orações no povoado de Carotá de Fora, na prática este discurso não controlava totalmente os indivíduos. Pode significar também que algumas pessoas, assim como Severina, se desviaram ocasionalmente do que era imposto pela Igreja, mas não se desviaram do ato de cultuar a Virgem Maria, nem contestaram o modelo de mulher e mãe amplamente difundido.

Nos encontros catequéticos, aos domingos à tarde, apenas crianças com idade de dez anos preparavam-se para receber o sacramento da comunhão¹³. Este sacramento é um juramento de fidelidade por parte do indivíduo em relação à Igreja Católica. Nos povoados, as aulas de catecismo aconteciam nas mesmas casas onde se realizavam as orações no mês de maio, enquanto na vila o ensino do catecismo ocorria no prédio da igreja matriz.

O padre João Fernandes da Silva, em seu discurso de posse em 17 de maio de 1947, afirmou: “[...] a primeira obra da paróquia que julgo ser a catequética, muito se tem feito. O

¹² Cf. CERTEAU, 1994.

¹³ Além do sacramento da primeira eucaristia ou primeira comunhão, instituído pelo Concílio de Trento, no século XVI, a Igreja Católica tem mais seis sacramentos: batismo, confissão, confirmação do batismo ou crisma, ordem, matrimônio e unção aos enfermos.

ensino do catecismo é ministrado na matriz, nos grupos escolares da paróquia, nas escolas isoladas, ora pelo vigário, ora pelas catequistas”.¹⁴

Este padre estava em sintonia com a política da Cúria Romana, de restauração da cristandade na Europa. Com isso, livros catequéticos organizados pelo pontífice foram traduzidos nas principais línguas. O objetivo era revigorar e intensificar os encontros catequéticos preparatórios para a prática da primeira eucaristia.

Na década de 1930, os encontros catequéticos como parte da pedagogia católica de educação religiosa para o cumprimento do sacramento da primeira eucaristia e para a formação do cristão católico lições baseavam-se no livro *Catecismo*.

A última parte do *Catecismo* trata sobre as 126 regras de “civilidade e elementos de civilidade” (da igreja, das visitas, da conversação, das companhias, dos encontros e passeios, do andar, da postura do corpo, do vestido e asseio, da mesa, etc). São normas para civilizar os hábitos de homens e mulheres no âmbito do entendimento de civilidade da Igreja Católica.

Por meio do *Catecismo*, crianças com dez anos de idade, nos encontros catequéticos na década de 1940, ouviam também que a nas conversações,

os mancebos devem ouvir muito e fallar pouco, especialmente achando-se na companhia de pessoas idosas, às quaes se deve prestar toda atenção, quando ellas falarem; Si é uma menina que está fallando com um homem, não deve fitar os olhos no rosto d’elle, nem tão pouco no chão, que signal de affectação. (sic)¹⁵

Nos preceitos acerca do comportamento, recomenda-se que um casal deve dialogar o mínimo possível e prestar atenção aos idosos. Os idosos teriam algo instrutivo a dizer e passariam, por meio das suas palavras, as experiências de toda uma vida, devendo os jovens ouvir para aprender. Assim, se a mulher aparece submissa ao homem, o casal de jovens aparece submisso aos idosos.

Nessas regras de civilidade, a atenção da Igreja volta-se para as relações entre homem e mulher e entre jovens e idosos. Ao longo do século XIX, no Brasil, a pretensão à igualdade entre os sexos era algo distante. Já na primeira metade do XX, passou a ser bandeira de luta do movimento feminista, ridicularizado na imprensa conservadora, que não aceitava a participação das mulheres no trabalho fora do lar, na política ou mesmo a iniciativa feminina nas relações afetivas. Tanto no século XIX quanto no começo do século XX, a relação de igualdade dava-se entre pessoas do mesmo sexo, da mesma condição social e da mesma faixa etária. Neste sentido,

¹⁴ LIVRO de tombo da paróquia Nossa Senhora da Conceição, op. cit., p. 8.

¹⁵ CATECISMO, p. 83.

o discurso do *Catecismo* reforça a inferioridade da mulher em relação ao homem e dos jovens em relação aos adultos e idosos.

O relato de Filomena revela como era o comportamento de um casal de namorados:

Uma vez que ele estava, eu estava sentada perto dele até debulhando feijão...
Aí eu sentada de um lado assim e Antonio ficava desse lado, papai com a rede armada assim desse lado aí. Aí ele disse: Filomena num pode ficar pro lado de cá não? Pode? Foi a vergonha maior... Chega parece que eu esfriei. Aí eu fui, passei pro lado...¹⁶

No início do namoro, em meados da década de 1940, no povoado de Curral de Baixo, Filomena, seu pai Miguel e seu namorado Antonio Emídio ficavam na sala debulhando feijão. Ela e Antonio, que namoravam sob os olhares vigilantes de Miguel, usaram a seu favor o hábito do pai ser o primeiro a levantar-se para jantar. Enquanto Miguel caminhava para a mesa, Filomena aproveitava os poucos instantes em que ficava a sós com Antonio Emídio para trocar poucas palavras, olhar nos olhos e, talvez, ter as mãos de Antonio entre as suas, ou beijar.

Na vida de Filomena, as normas e valores prescritos pelo *Catecismo*, e mesmo pelos hinos das orações do mês de maio de que ela participava no Curral de Baixo, eram vividos cotidianamente como um modo natural de comportar-se no namoro. Além disso, o relato acima contribui para reforçar uma das representações do namoro de antigamente que temos ainda hoje. Confirma também as normas do *Catecismo* sobre a atenção e o respeito que os jovens deviam ter em relação aos idosos e sobre o comportamento da mulher durante o namoro, que devia conversar o mínimo possível com o namorado. A representação que prevalece acerca da relação de namoro gira em torno do valor de recato amplamente difundido e vivido em Cabaceiras nas décadas de 1930 e 1940.

A normatização prescrita no *Catecismo* ampliava-se até ao modo de olhar. Ao “fitar os olhos no rosto d’ele”, a mulher poderia sugerir uma relação de igualdade entre os sexos que não era aceita pela Igreja Católica. Na relação de dominação do homem sobre a mulher, esta podia apenas cruzar seu olhar com o do homem. Para a historiadora Mary Del Priori, “um olhar feminino livre seria percebido como um olhar obsceno, lúbrico.”¹⁷ Este olhar era entendido também como falta de recato, de decência e de inocência.

Desde o século XIX, tendo em vista as mudanças de atitudes nas relações entre os sexos, a Igreja Católica investia discursivamente na normatização das relações

¹⁶ Entrevista n. 36. Filomena de Sousa Meira nasceu em Cabaceiras, PB, em 14.11.1926. Foi entrevistada em 03.01.2005, quando tinha 77 anos de idade. Reside no povoado Alto da Boa Vista, município de Cabaceiras.

¹⁷ DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 120.

afetivas, que deviam se fundamentar nos valores de recato, de contenção dos desejos e de culpa. Mesmo com tanto investimento discursivos, algumas mulheres vivenciaram namoros que não se enquadravam totalmente no que era imposto pela religião.

A representação de um namoro como passageiro me faz pensar que nem todo flerte se tornava um namoro sério e duradouro. Além disso, o ato de uma mulher olhar para um rapaz nem sempre era percebido como falta de recato, ou, por outro lado, como inversão dos papéis de homem e de mulher. Filomena e outras mulheres em algumas ocasiões reinventaram algumas normas, tirando proveito de curta duração. Na maior parte das vezes, porém, elas seguiam os preceitos do catolicismo.

Era março, mês de calor intenso, de chuva escassa, de terra seca, ano de 1932. Severino Evaristo de Sousa, com 26 anos, jornalista, solteiro, analfabeto, filho de Evaristo da Rocha Souza e morador do povoado de Algoduais, namorava Florinda Maria da Conceição. Ela tinha 18 anos, era solteira, dona de casa, analfabeta, filha de Julião Pereira de Lima e de Bertolina Maria da Conceição. Todos moravam no povoado de Algoduais.

Ao longo de um ano e cinco meses, Severino Evaristo freqüentara a casa da família de Florinda. Possivelmente, conversava com Julião e com os demais presentes na sala. Vez por outra, podia debulhar feijão ou descaroçar algodão, como era comum nas casas desses trabalhadores rurais.

Em Cabaceiras, as mulheres entrevistadas e as envolvidas em processos criminais, em sua maioria pessoas pouco abastadas, representaram o namoro recatado, nomeado de “o namoro só de vista” ou “namoro de jacaré”. Naquela época, nesse tipo de namoro, a prática de olhar e de piscar as pálpebras para o namorado, sem aproximação física, era comum entre as moças de famílias de trabalhadores rurais.

Em Cabaceiras, naquela época, em função da forte presença do catolicismo, o namoro recatado foi amplamente difundido por meio dos encontros preparatórios para a primeira comunhão, das orações e das missas. Independentemente do grupo social, os comportamentos de homens e de mulheres deveriam pautar-se pelos valores de discrição, de submissão e de recato impostos pela Igreja Católica.

O namoro entre Florinda e Severino Evaristo, filhos de trabalhadores rurais, acontecera conforme modelo de comportamento afetivo definido como próprio da elite. Para namorar Florinda, Severino Evaristo pedira autorização ao pai dela. Mediante o consentimento para o namoro dado por Julião, o casal de namorados encontrava-se na casa dela sob a vigilância da família.

Com o passar do tempo, habituado a freqüentar semanalmente a casa de Julião, com quem sempre conversava, Severino Evaristo buscava uma forma de tratar com Julião um assunto de grande importância. Foi por meio de uma carta que ele expôs para Julião o assunto:

Algoões 1 de marco di 1932.

Illm° Senr Julião lhi escrevo lhe esta mal feita carta mandando lhi pidi sua filha Fulurinda a casamento.O senhor dê a dona Vergulina e espero uma boa resposta a mim seu criado. Severino Evaristo. (sic)¹⁸

A carta assinada por Severino Evaristo pedia a Julião Pereira de Lima autorização para casar com Florinda. Por sua vez, Julião deveria comunicar sua resposta a “dona Vergulina”. Esta senhora, então, diria a Severino se o pedido de casamento fora aceito ou não. Severino, analfabeto, utilizou uma carta para fazer o pedido de casamento a Julião, também analfabeto, assim como sua esposa e sua filha Florinda.

No município de Cabaceiras, o primeiro grupo escolar, localizado na vila de Cabaceiras, sede do município, foi fundado em 1937. Nos demais povoados havia as chamadas escolas rudimentares mistas rurais, que quase sempre funcionavam nas salas das casas de fazendeiros, sendo a professora contratada pela Prefeitura.

No povoado de Algoduais, havia uma escola rudimentar mista rural. Esta escola funcionava na casa de Maria Alice Queiroz e de Francisco Gaudêncio de Queiroz, ligados às lideranças políticas no município de Cabaceiras e no município vizinho de São João do Cariri.

No entanto, Florinda e Severino Evaristo não foram alfabetizados. A família de Florinda mudava-se constantemente de lugar em função das oportunidades de trabalho na agricultura. Além do exíguo número de escolas para atender a uma população de aproximadamente 31 mil habitantes, possivelmente as migrações temporárias dessa família dificultaram a alfabetização de Florinda e dos irmãos. Já Severino Evaristo vivia na propriedade rural de seus pais, trabalhando no plantio de algodão, de milho e de feijão. Talvez ele tenha se dedicado mais ao trabalho do que aos estudos, dada a necessidade de sobreviver da agricultura naquela região de poucas chuvas.

Severino Evaristo e Florinda eram apenas mais duas pessoas na imensa maioria de analfabetos daquele lugar. Segundo o Censo Demográfico de 1950, somente 145 mulheres e 78 homens eram alfabetizados em Cabaceiras. Este censo permite traçar um

¹⁸ Processo criminal contra Severino Evaristo de Sousa, incurso no artigo 267, Código Penal de 1890. Comarca de Cabaceiras, PB. Processo aberto em 10.08.1933. Caixa arquivo: 1930 a 1945. Processo sem numeração, p. 7.

retrato da precariedade do sistema escolar no município. As poucas escolas rudimentares rurais mistas e o grupo escolar com a obrigação de alfabetizar as crianças com idade superior a 10 anos não realizavam seu papel de modo a abranger uma parcela significativa da população.

Alguns meninos e meninas freqüentavam a escola durante alguns meses do ano, nos outros meses trabalhavam na agricultura com os pais. Além disso, a falta de estrutura escolar, com as escolas improvisadas nas salas de alguns fazendeiros, às vezes com acesso restrito a água para beber, longa distância a ser percorrida entre a casa e a escola, falta de material escolar, de roupa, de alimentação, entre outras limitações, dificultavam o acesso de muitas crianças à instrução elementar nos espaços escolares, como se percebe nos relatos orais de memória de várias das entrevistadas.¹⁹

Nesse universo em que predominava o analfabetismo, foi por meio de uma carta que Severino Evaristo tentou conseguir o consentimento para casar-se com Florinda. Pedir uma jovem em casamento por meio de carta era prática comum entre os alfabetizados. José Sobrinho, em 1943, pediu para se casar com sua prima e vizinha Geracina por meio de uma carta.²⁰ Iracilda, Iracema, Hermínia escreviam para as amigas e os namorados. Conhecedor dessa prática, mas não dominando as habilidades para escrever o pedido de casamento, Severino Evaristo pediu para alguém escrever a carta, entregá-la e lê-la para Julião.

A encíclica *Rerum Novarum*, de 1891 reafirmava o poder do pai como chefe da família e definia os seus deveres. Ele deveria alimentar, sustentar e cuidar do futuro dos seus filhos. Também era seu dever decidir sobre o matrimônio das filhas. Desse modo, no ano de 1932, coube a Julião, exercendo o pátrio poder, decidir sobre o futuro matrimônio entre sua filha e o namorado.²¹

Por sua vez, de modo indireto, nas visitas semanais à namorada, e de modo direto na carta, Severino Evaristo demonstrava a pretensão de se casar com Florinda, o que significava ter boas intenções para com ela e sua família. E Julião parecia concordar com o casamento.

¹⁹ Cf. entrevista n. 39. Neocina Farias da Rocha nasceu em Taperoá, PB, em 19.09.1925. Foi entrevistada em 04.01.2005, quando tinha 79 anos de idade. Residia no povoado de Curral de Baixo, Cabaceiras, até o seu falecimento, ocorrido no segundo semestre de 2005.

²⁰ Cf. entrevista n. 19. Geracina Farias Sousa nasceu em Cabaceiras, PB, em 09.05.1923. Foi entrevistada em 05.07.2003, quando tinha 80 anos de idade. Reside em Cabaceiras, na praça General José Pessoa.

²¹ Cf. *Rerum Novarum*, encíclica escrita pelo papa Leão XIII, de 15 de maio de 1891. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br>>. Sobre a análise desta encíclica.

Todavia, no dia 10 de agosto de 1933, Julião, sua esposa Bertolina e a filha Florinda, ao invés de caminharem alguns poucos quilômetros até a capela do povoado de Algodois, como era comum nos dias de missa, de batizados e de casamentos, foram em outra direção. Eles percorreram doze quilômetros para chegar até a Delegacia de Polícia da vila de Cabaceiras. Lá Julião prestou queixa afirmando que Severino Evaristo mantivera relações sexuais com Florinda, mas recusava-se a casar com a jovem.

Por sua vez, Bertolina, 46 anos, profissão doméstica, analfabeta, casada com Julião, disse ao delegado e ao escrivão que Severino Evaristo tinha um “compromisso de casamento” com Florinda, por isso freqüentava a casa da família, comportamento que mudou desde quando foi informado da gravidez da noiva.

Estes acontecimentos alteraram a relação entre Florinda e Severino e entre este rapaz e a família dela. O namoro desse casal, que parecia ir desdobrar-se em um casamento religioso e na formação de mais uma família no povoado de Algodois, passou a ser um problema familiar e judicial.

Este conflito familiar foi submetido à justiça por Julião. Ele precisou cumprir as várias exigências judiciais para provar a veracidade da queixa. Possivelmente orientado por seu patrão, por um líder político ou por outras pessoas que viveram a mesma situação familiar, ele sabia de algumas exigências para poder prestar a queixa. Naquele dia 10 de agosto de 1933, entregou ao delegado a carta enviada por Severino Evaristo para provar o compromisso de casamento entre este e Florinda. Apresentou também uma declaração do padre Inácio Cavalcanti, da paróquia Nossa Senhora da Conceição, em que atestava o nascimento de Florinda no dia oito de abril de 1914 e o batizado dia 26 de abril do mesmo ano na capela do povoado de Algodois na presença dos padrinhos.

A história aconteceu de modos diversos em outro povoado do município de Cabaceiras. Acerca do seu namoro, Neocina, filha de Maria Emerentina Ramos e Severino Pereira da Rocha, proprietário de terra no povoado de Curral de Baixo, relata: “Abri a porta pra num fazer zuada, devagarzinho. Se papai soubesse de uma coisa dessas, tava perdido. Foi só uma vez ou duas. Já tava perto de casar, né?”²²

À tarde, José Lima dos Santos chegava à casa onde morava Neocina, os pais e as irmãs. Ficava lá até a ceia, às 18 horas. Depois seguia para dormir na casa da irmã, a uns cem metros. Só que em algumas madrugadas José Lima retornou à casa de Neocina. Ela conhecia bem todos os espaços da casa, assim como os hábitos dos familiares. Usou esse conhecimento a seu favor

²² Entrevista n. 39, doc. cit.

para poder encontrar-se com José longe dos olhos vigilantes dos pais, podendo trocar carícias, que não eram permitidas nos namoros.

No entanto, esses encontros e as relações sexuais dessa mulher e seu noivo não foram conhecidos por seus pais, muito menos pela justiça. O fato de Neocina ter-se casado religiosamente em 14 de novembro de 1948 com José Lima possibilitou que o relacionamento amoroso não motivasse conflito na sua família nem fosse denunciado como comportamento amoral.

Ainda no povoado de Curral de Baixo, Brígida, filha de Euflasina Francelina Ramos e Manuel Matheus Sousa Ramos, também namorava. Sobre seu namoro ela conta: “Eu me casei com o bucho desse tamanho [grande] [risos]. Foi. Mas me casei. Foi. Casei grávida. Papai num gostou muito não, mas não tinha mais jeito. Só tinha o menino nascer.”²³

Na sala da casa Brígida, João José conversava com o pai dela. Geralmente, falavam sobre a plantação de milho e de feijão, sobre o transporte desses produtos, sobre a falta de chuva, sobre o falecimento de um amigo ou parente, entre outros assuntos. Enquanto isso, Brígida, sentada no banco de madeira, ouvia a conversa, não sendo permitido a ela nem às demais mulheres expressar suas opiniões quando os homens conversavam. Ela ficava ali em silêncio. Após o jantar, João José se despedia. Na escuridão, ele caminhava até sua casa, a poucos metros da casa de Brígida. Assim, o namoro transcorreu ao longo de dois anos.

Em algumas madrugadas, quando todos dormiam, Brígida e João José voltavam a se encontrar nas proximidades da casa dela. Nesses encontros, o casal tinha oportunidade de conversar, de trocar carícias e de relacionar-se sexualmente. Os desejos contidos perante a família foram vividos nas madrugadas à luz da lua.

Brígida construiu um discurso no qual se mostra vítima do namorado, submissa aos desejos dele e seduzida por ele. Ela construiu uma representação de mulher física e emocionalmente frágil, suscetível à sedução por parte do namorado. Este foi representado como alguém em quem ela aprendera a confiar em virtude das constantes visitas a sua casa e da boa relação dele com seus pais. Esta mulher traçou um perfil de mulher frágil e submissa, reforçando o padrão de mulher ideal daquela sociedade.

Deste modo, para Brígida, assim como para as instituições (Igreja Católica, justiça e família), o casamento aparece como reparação para o que era visto como desvio de conduta sexual.

²³ Entrevista n. 40. Brígida Pereira de Sousa nasceu em Cabaceiras, PB, em 29.09.1909. Foi entrevistada em 04.01.2005, quando tinha 95 anos de idade. Reside no povoado de Curral de Baixo.

Isso significa que quando os pais conseguiam impor suas vontades sobre os relacionamentos afetivos das filhas ou quando o casal de namorados vivia em silêncio sua sexualidade não havia necessidade da intervenção da justiça para resolver conflitos familiares. Significa também que, embora o discurso sobre a castidade fosse amplamente difundido, algumas mulheres viveram sua sexualidade na contramão desse discurso.

Na comarca de Cabaceiras, entre os anos de 1930 e 1949, a promotoria interveio em vinte queixas contra rapazes acusados de manter relações com a namorada. Este número de queixas é baixo tendo em vista a população do município de aproximadamente 31 mil habitantes e a política do Estado de controle dos hábitos sexuais da população pobre.

O fato de apenas vinte famílias terem procurado a intervenção da justiça não quer dizer que todas as famílias daquele lugar aceitaram facilmente as transgressões sexuais de suas filhas solteiras. É possível pensar que a intervenção da justiça fosse solicitada em casos em que a autoridade do pai ou da mãe sobre a filha não fosse acatada. Os acontecimentos sexuais na vida de uma mulher passavam de assunto pessoal a questão familiar e social, justificando a ação da justiça.

No encontro dessas mulheres e suas famílias com a justiça podemos perceber lances dos conflitos familiares e judiciais em torno das relações sexuais, do lazer, do namoro. Naquele universo amplamente fundamentado na moral católica coercitiva, algumas mulheres negaram o modelo de comportamento imposto. Em contraposição, algumas inventaram alternativas de relações afetivas e sexuais que não foram aceitas pelas famílias nem pela justiça, mas que elas e seus parceiros sexuais viveram apesar da coerção.

Conclusão

O cotidiano da vida em Cabaceiras, poder-se-ia afirmar, quando não estava preenchido pelo trabalho estava voltado para as atividades religiosas. Ao longo das décadas de 1930 e 1940, o discurso da Igreja Católica que buscava disciplinar a vida de homens e de mulheres foi uma presença constante e forte em Cabaceiras. Desse modo, é possível afirmar que esse discurso, enquanto preceito moral, era hegemônico naquele município à época. Enquanto instituição religiosa, a Igreja Católica definiu um modelo de mulher universal e estabeleceu uma forma única e rígida de comportamento e de relacionamento social, afetivo e religioso, mediante os valores de submissão, de modéstia, de honestidade e de discrição.

Todavia, a Igreja não era a única instituição em cujo discurso podemos perceber significados associados à mulher e à família. O Estado, especialmente a partir do governo de Getúlio Vargas, ampliou sua estratégia de controle dos costumes, dos hábitos e das relações dos trabalhadores, utilizando como mecanismos de controle a pedagogia escolar, a legislação penal e civil e os conhecimentos da medicina higiênica.²⁴

Por último, procurei contar uma história de mulheres e de homens em Cabaceiras, 1930-1949, com vários aspectos de conformismo e conformação às normas impostas pela religião, notadamente por meio do culto a Virgem Maria, e pela justiça, mas também uma história de pessoas que em alguns momentos de suas vidas burlaram a moral proibitiva para viver seus próprios sonhos e desejos.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CORBIN, Alan. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 503-561.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b.

_____. FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **Estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a. p. 203-222. (Ditos e Escritos, IV).FOUCAULT, 2003a.

GONÇALVES, Andréia Lisly. **História e gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Estado da Paraíba. Volume XVI, tomo 1. Rio de Janeiro, 1955.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Parahyba**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 1977 [1892].

MONTENEGRO, Antonio Torres. Rachar as palavras: ou uma história a contrapelo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 37-62, jun. 2006.

_____. **História e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

²⁴ Cf. CHALHOUB, 2001.

Rerum Novarum, encíclica escrita pelo papa Leão XIII, de 15 de maio de 1891. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br>>. Sobre a análise desta encíclica, ver Severino da Silva, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. A cidade irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: (Org.). **História da vida privada no Brasil**: da *belle époque* à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 07-48.

SOIHET, Raquel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.